

Exílio, intelectuais e dissidência à Revolução Cubana em *Mariel – Revista de Literatura y Arte (1983-1985)*

Exile, intellectuals and dissent to the Cuban Revolution in *Mariel – Revista de Literatura y Arte (1983-1985)*

Resumo

As disputas políticas e a produção intelectual cubanas, desde o século XIX, têm sido marcadas pela conformação de redes de sociabilidade, discussão de projetos nacionais, fortalecimento de lideranças políticas e intensa produção artística fora do território insular. O exílio se estabeleceu como local privilegiado de oposição aos poderes oficiais ao longo da história cubana, bem como de produção de obras e de sensibilidades nacionais diversas. *Mariel – Revista de Literatura y Arte* foi fundada em 1983, em Miami, por escritores cubanos exilados nos Estados Unidos durante o exílio massivo de Mariel (1980), e circulou até 1985 nos Estados Unidos, América Latina e Europa. Como revista literária, um de seus principais objetivos foi divulgar a literatura e a arte cubanas, principalmente a produzida por escritores da autodenominada “geração de Mariel”, colocando-se como elo identitário entre esses artistas. O projeto editorial coletivo era oposicionista ao regime revolucionário cubano, e declarava-se anticomunista, antitotalitário, defensor da democracia e das liberdades individuais, possuindo pujante caráter de denúncia. Nossa proposta central neste trabalho é compreender a trajetória do projeto editorial coletivo e como esse constituiu uma oposição política ao governo revolucionário cubano durante o exílio nos Estados Unidos. Dessa forma, analisamos o estabelecimento de redes de sociabilidade no desterro, e os debates que a publicação veiculou acerca do exílio massivo de Mariel.

Palavras-chave: Revolução Cubana, Exílio, Intelectuais

Abstract

Since the 19th century, political disputes and Cuban intellectual production have been marked by the establishment of sociability networks, discussion of national projects, strengthening of political leaders and intense artistic production outside the island territory. Exile was established as a privileged place of opposition to official powers throughout Cuban history, as well as the production of works and different national sensitivities. *Mariel - Revista de Literatura y Arte* was founded in 1983, in Miami, by Cuban writers exiled to the United States during Mariel's massive exile (1980), and it was published until 1985 in the United States, Latin America and Europe. As a literary magazine, one of its main objectives was to disseminate Cuban literature and art, mainly that produced by writers of the self-styled “generation of Mariel”, placing itself as an identity link between these artists. The collective editorial project was opposed to the Cuban revolutionary regime, and declared itself anti-communist, anti-totalitarian, defender of democracy and civil liberties, having a strong denunciation nature. Our main proposal for this paper is to understand the path of the collective editorial project and how it constituted a political opposition to the Cuban revolutionary government during exile in the United States. As a result, we analyzed the formation of sociability networks in exile, and the debates the publication conveyed about Mariel's massive exile.

Keywords: Cuban Revolution, Exile, Intellectuals

Fecha de recepción: 20 de mayo de 2020

Fecha de aceptación: 8 de septiembre de 2020

Exílio, intelectuais e dissidência à Revolução Cubana em *Mariel* – *Revista de Literatura y Arte* (1983-1985)

Exile, intellectuals and dissent to the Cuban Revolution in *Mariel* – *Revista de Literatura y Arte* (1983-1985)

Caroline Drummond*

Introdução

Segundo Guillermo Cabrera Infante (1993), “divisar la ínsula desde lejos es uno de los ejes históricos de la cultura en Cuba” (p. 375). O exílio é experiência recorrente em Cuba, desde o século XVIII até o XXI, constituindo-se como local privilegiado de conformação de oposição política e produção intelectual. Entre os intelectuais da ilha, é local comum referir-se a essa experiência como uma tradição nacional ou como uma condição da cultura cubana. O exílio faz parte do repertório de estratégias à disposição dos que disputam os jogos de poder em Cuba – ou seja, ele integra a cultura política do país –, e como há larga tradição e vários exemplos bem-sucedidos, muitos intelectuais escolheram esse caminho a fim de construir projetos políticos e culturais (Motta, 2014).

Na perspectiva do crítico literário Enrico Mario Santí (2002), parcela significativa dos intelectuais cubanos do século XIX viveu a experiência do exílio e contribuíram para forjar uma identidade cubana a partir do estrangeiro: “Cuba se inventó a si misma en el siglo XIX, pero lo hizo pagando un legado de exilio” (p. 33). Segundo Stella Maris Scatena (2007), ao analisar as obras de intelectuais cubanos do século XIX, Santí evidenciou, desde inícios deste século, a presença, na literatura insular, de “una identidade cubana consciente de sí misma” a partir do exílio, como o demonstram as trajetórias de Félix Varela, José María Heredia, José Antonio Saco, José Martí, entre muitos outros (p. 318).

O repertório oitocentista de oposição, articulação política e produção intelectual fora do território nacional foi apropriado por muitos cubanos ao longo do século XX, principalmente por opositores dos governos de Gerardo Machado (1925-1933), Grau San Martín (1944-1948) e Fulgencio Batista (1952-1959). Especialmente a partir da vitória do Movimento 26 de Julho em 1959 - ele próprio organizado fora do território nacional -, o exílio tornou-se caminho recorrente para os dissidentes e insatisfeitos com o governo da ilha, e consolidou-se como uma das principais comunidades oposicionistas ao regime socialista cubano, aliando-se e sendo amparado por instituições, agências de comunicação e de inteligência, e políticas imigratórias do governo norte-americano em diversos momentos.

Desde a década de 1960, as políticas migratórias dos Estados Unidos em relação à Cuba foram marcadas pelo viés anticomunista, de modo a conceder asilo político, indiscriminadamente, àqueles que o requeriam. Por sua vez, o regime revolucionário cubano, ao longo dos anos, utilizou-se dos exílios massivos¹ como válvulas de escape para os insatisfeitos com o governo. No âmbito cultural, diversas gerações de intelectuais produziram suas obras fora do território nacional, em desacordo com as políticas culturais do regime

* Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: caroldrummond@gmail.com

¹ Camarioca (1965); Mariel (1980); Balseros (1994).

revolucionário e como forma de crítica ao governo, ao mesmo tempo em que tentavam processar o “trauma” da experiência exílica. Entre abril e setembro de 1980, cerca de 125.000 cubanos deixaram a ilha rumo aos Estados Unidos, durante o exílio massivo de Mariel, entre os quais havia jovens escritores, artistas plásticos e poetas que não se enquadravam na restritiva política cultural adotada pela Revolução durante a década de 1970.

O exílio em massa de Mariel foi marcado, ainda na ilha, por dura difamação por parte dos discursos oficiais, e se construiu uma narrativa de “limpeza social” para o fenômeno migratório. Aqueles que saíam da ilha naquele momento eram considerados, oficialmente, a escória da população cubana, incapazes de se adequarem à sociedade revolucionária, pautada pelas ideias do “homem novo”² e por diretrizes culturais bem delimitadas. Foram caracterizados como *gusanos, afeminados, escoria, marginales, criminales*, entre outros. Em charges de periódicos cubanos da época, frequentemente foram desumanizados e representados como ratos (Cabrera e Marques, 2009). Como afirmou Fidel Castro em discurso de 1980: “quien no tenga genes revolucionários; quien no tenga sangre revolucionária; quien no tenga una mente que se adapte a la idea de una revolución; quien no tenga un corazón que se adapte al esfuerzo y al heroísmo de una revolución, no los queremos, no los necesitamos” (para. 31).

As organizações de massa do regime revolucionário cubano, apoiadas pelo aparato repressivo do Estado, organizaram e promoveram atos de repúdio por toda a ilha direcionados àqueles que optaram pelo exílio, resultando em episódios de violência e linchamentos públicos. Já nos Estados Unidos, os exilados foram rejeitados tanto por parcela da opinião pública norte-americana, convencida pelos discursos oficiais cubanos de que os marielitos³ não passavam de delinquentes e criminosos; quanto por parte da comunidade de exilados cubanos de Miami e seus setores conservadores, constituídos pelas classes alta e média da ilha (Marques, 2012).

O fenômeno migratório de Mariel marcou uma mudança significativa no perfil daqueles que optavam por sair da ilha. Proporcionalmente, a quantidade de profissionais qualificados era bastante similar à presente nos Voos da Liberdade até o início da década de 1970 (11%). Em 1980, entretanto, 40% do contingente era composto por negros e 70% pertencia à classe trabalhadora. Os profissionais semiquualificados e não-qualificados compunham 45% do exílio massivo, com forte presença das áreas de construção e transporte. A maioria dos emigrantes eram homens jovens, entre os 20 e os 34 anos (Pedraza-Bailey, 1985).

Esses jovens atingiram a maioria muito após o início da luta revolucionária, quando o combate às grandes desigualdades sociais demandava sacrifícios coletivos mas mantinha a lealdade de muitos. Quase metade dos emigrantes atingiu a maioria durante fins da década

² No caso cubano, o conceito foi desenvolvido e simbolizado, principalmente, por Ernesto Che Guevara, e refere-se ao homem consciente que não só seria originado pela Revolução, mas que ajudaria a construir e perpetuar a nova sociedade socialista. O homem novo seria desprovido de individualismo, e lutaria diariamente, mediante o trabalho e a educação, contra os velhos valores e condutas morais, comprometendo-se integralmente com o coletivo e a nova sociedade.

³ “Marielito” é um termo criado nos Estados Unidos, na década de 1980, para se referir àqueles que chegaram de Cuba pela ponte marítima Mariel-Cayo Hueso. Na época, o termo era utilizado de forma pejorativa. Neste trabalho, utilizaremos “marielito” para nos referirmos àqueles que integraram o exílio massivo e “marielista” para nos referirmos aos envolvidos na revista *Mariel*, pois consideramos que a revista não era representativa de todo o exílio massivo.

de 1960 ou na década de 1970, tempos marcados pelo “caso Padilla” (1968-1971)⁴ e pelo predomínio dos debates acerca da liberdade de expressão. “Desvios” sociais, como a homossexualidade, foram condenados, e novas instituições políticas e sociais foram criadas. Além disso, a década de 1970 foi marcada pelo internacionalismo militar e pelo apoio às lutas de libertação nacional na África (Pedraza-Bailey, 1985).

A presença de uma comunidade cubana bem estabelecida nos Estados Unidos, proveniente de setores privilegiados, e que, com o apoio de políticas do governo norte-americano, apresentava níveis de êxito econômico superiores aos de outras comunidades de origem latino-americana também constituía fator de atração para novos emigrantes (Aja Díaz, 2000).

Essa onda do exílio massivo cubano não teve a mesma recepção que as anteriores nos Estados Unidos. Ainda que o presidente Jimmy Carter (como citado em Marina Brismat, 2011), tivesse declarado que “tendremos el corazón y los brazos abiertos a los refugiados que buscan la libertad de la dominación comunista y las privaciones económicas a causa de Fidel Castro y su gobierno” (p. 158), a administração Carter negou aos emigrantes o status legal de refugiados a partir do *Refugee Act* de 1980⁵.

Poucos marielitos foram definidos como refugiados políticos ou asilados. Em vez disso, foram emitidas “condicionais”, e uma nova categoria foi criada para eles: “Cuban-Haitian entrant (status pending)”. Esse status ambíguo permitiu a entrada física, mas não legal, no país, e serviu de base para a negação de direitos aos cubanos marielitos. Além disso, diferentemente dos exilados anteriores, que foram recepcionados pelo Cuban Refugee Program, os marielitos experienciaram o Serviço de Imigração e Naturalização, encontrando maior dificuldade nos procedimentos de imigração e menor disponibilidade de serviços de assistência social que as gerações anteriores de exilados (Capó Jr., 2010).

⁴ Refere-se à prisão de Heberto Padilla, acusado de ser contrarrevolucionário devido à publicação da obra *Fuera del juego*. O “caso Padilla” representou uma mudança significativa nas relações do regime revolucionário cubano com a intelectualidade. A política cultural passou a ser mais restritiva e vários intelectuais romperam com o regime.

⁵ Em março de 1980, um mês antes da abertura do porto de Mariel, o presidente Carter assinou o *Refugee Act* de 1980. O Ato alterou a definição de “refugiado” para eliminar as restrições geográficas e ideológicas da lei anterior. O ato descartou o que o Congresso percebia como um fator da política imigratória norte-americana que favorecia estrangeiros provindos de regimes comunistas, mesmo em relação àqueles que saíam de ditaduras e regimes autoritários de direita. Os Estados Unidos adotaram a definição de refugiado estabelecida pela comunidade internacional, particularmente a proposta em 1951 pela Convenção das Nações Unidas Relacionada ao Status dos Refugiados e seu sucessor, de 1967, o Protocolo Relacionado ao Status dos Refugiados. A nova lei definiu “refugiado” como um indivíduo “escapando de perseguição devido à raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um grupo social particular, ou opinião política”, em um esforço de remover a retórica anticomunista da guerra fria que dominava as antigas políticas. O exílio massivo de Mariel, entretanto, demonstrou que a Guerra Fria e os embates ideológicos contra o comunismo estavam longe de acabar. O exílio massivo testou o recém-aprovado Ato e ajudou a reverter as políticas de refugiados e asilados políticos dos Estados Unidos de volta aos termos da Guerra Fria. A administração Carter decidiu que o Ato não permitiria a designação dos marielitos como refugiados e que esses seriam julgados caso a caso. Entretanto, devido à pressão a qual a administração estava sujeita, principalmente devido ao fato de que o presidente publicamente deu as boas vindas aos cubanos ao país com o “coração e braços abertos”, foi criada uma classificação especial para facilitar a admissão dos marielitos nos Estados Unidos: “Cuban-Haitian entrant (status pending)”. Posteriormente, a administração Reagan encontrou maneiras de dar continuidade a essa política externa anticomunista, privilegiando refugiados de países comunistas dentro das limitações do *Refugee Act* de 1980 (Morrone, 2008).

Sua chegada coincidiu com um momento de recessão, inflação e desemprego na economia norte-americana, e de crescentes sentimentos anti-imigração em parcela da população (Pedraza-Bailey, 1985). A cobertura midiática do fenômeno migratório contribuiu ainda mais para que grande parte da opinião pública norte-americana olhasse os marielitos com desconfiança. A imprensa enfatizava a presença de criminosos, pacientes psiquiátricos e homossexuais na ponte migratória, os quais constituíam uma minoria, e alguns acusavam Fidel Castro de esvaziar seus presídios e hospitais.⁶

De acordo com as estimativas do Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos, 19,21% dos marielitos (23.970) haviam passado por presídios cubanos. Entre esses, 22,89% eram prisioneiros políticos e 69,71% foram presos por crimes pequenos ou por atos que não eram considerados ilegais nos Estados Unidos. Somente 7,4% (1.774) daqueles que possuíam antecedentes criminais haviam cometido crimes graves. Estimou-se, provavelmente por autodeclaração, que havia aproximadamente 600 pacientes psiquiátricos e 1.500 homossexuais na ponte marítima (Pedraza-Bailey, 1985).

O levantamento do SNI contrasta com investigações realizadas em Cuba pelo Departamento de América del Norte del CEA. Segundo pesquisas de Rafael Hernández e Redi Gomis (1986), 45,25% das pessoas que abandonaram Cuba durante o exílio massivo possuíam antecedentes delitivos. Dentre esses, 40,1% haviam cometido delitos contra o direito patrimonial (furto, roubo); 16,4% haviam sido enquadrados pela legislação de *Estado Peligroso*; 10,8% condenados por delitos contra el *Normal Desarrollo de las Relaciones Sexuales y Contra la Familia, la Infancia y la Juventud*; 5,5% por tráfico ou porte de drogas tóxicas; 5,2% por delitos contra a segurança do Estado (propaganda clandestina, rebelião, sedição, sabotagem, etc.); entre outros. Conforme muitos relatos, parcela da população cubana que desejava deixar a ilha forjou antecedentes criminais. Essa pode ser uma das explicações possíveis para o contraste nos dados entre o levantamento do SNI e o realizado pelo CEA.

Não foi uma onda do exílio massivo cubano tão desejada nem constituída pelas mesmas classes sociais, e se converteu em um elemento de heterogeneidade social e de classe dentro da comunidade de exilados cubanos. Além disso, os marielitos mantinham vínculos mais estreitos com a sociedade cubana, e suas prioridades políticas e motivações também os diferenciavam de seus antecessores (Aja Díaz, 2000). De maneira geral, foi uma onda do exílio mais representativa da sociedade cubana.

O contingente de exilados em 1980 abarcava jovens formados pela revolução, profissionais menos qualificados, negros, indivíduos de classes sociais menos favorecidas, homossexuais, escritores, artistas, pacientes psiquiátricos e ex-presos políticos e comuns (em sua maioria, por crimes pequenos), que não foram bem recebidos e integrados socialmente pela comunidade cubana de Miami em um primeiro momento. Além disso, os escritores que saíram da ilha nesse momento chegaram aos Estados Unidos com discursos fortemente anticomunistas e de denúncia do autoritarismo e das violações de direitos humanos praticadas pela Revolução, e se depararam com um ambiente intelectual e acadêmico majoritariamente de esquerda e pouco propenso a tecer críticas tão duras ao regime que constituía um dos símbolos da vitória socialista nas Américas. Suas obras também não tinham espaço na política cultural oficial do regime revolucionário cubano da década de 1970, marcada pelo

⁶ Sobre a cobertura midiática norte-americana do fenômeno migratório, ver: Cafender e Hufker, 1990. Sobre a cobertura da imprensa cubana, ver: Cabrera e Marques, 2009.

cerceamento da produção e da vida intelectual, com acentuada influência da União Soviética na organização da economia e da cultura, período que ficou conhecido como *quinquenio gris*.

Como apontam Mariana Villaça (2010) e Sílvia Miskulin (2009), a Revolução Cubana foi marcada pela conformação de políticas culturais, que exigiam o compromisso do artista e do escritor com a nova sociedade que se formava após a vitória revolucionária. A produção cultural era vista como forma de reformular a cultura e a identidade cubanas segundo as matrizes revolucionárias. Ao mesmo tempo que se iniciou um período de intensa produção cultural, com a criação de revistas, editoras, instituições e concursos literários, como o *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos (ICAIC)* e a *Casa de las Américas*, estabeleceu-se também diretrizes culturais. Em 1961, Fidel Castro já apontava para uma radicalização da política cultural do regime e para um direcionamento da produção intelectual, em seu discurso *Palabras a los intelectuales*, no qual afirmava que “dentro de la Revolución, todo; contra la Revolución, nada” (para. 52). A liberdade de expressão dos escritores cubanos passou a ser limitada por parâmetros que exigiam o compromisso com a Revolução. Principalmente a partir do Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura, em 1971, Cuba foi marcada por um período de endurecimento no meio cultural e acentuaram-se o controle estatal sobre o meio intelectual e a censura.

Os escritores marielitos, em grande parte jovens e homossexuais, como Reinaldo Arenas, Reinaldo García Ramos, Juan Abreu, Carlos Victoria, René Cifuentes e Jesús J. Barquet, também não se adequavam aos modelos de comportamento estabelecidos para a juventude, que visavam a construção do homem novo e que foram reforçadas pelo Primeiro Congresso Nacional de Educação e Cultura de 1971. Muitos foram presos ou reprimidos por “conduta imprópria” ou “posse de literatura contrarrevolucionária”, expulsos de universidades, tiveram suas obras silenciadas e impedidas de serem publicadas.

A criação de *Mariel* – *Revista de Literatura y Arte*

Entre os 125.000 dissidentes que saíram da ilha pela ponte marítima Mariel-Key West em 1980, havia vários escritores e artistas que se conheciam desde Cuba. A tentativa de expressarem suas ideias no exílio e de se organizarem como grupo levou à colaboração em projetos editoriais já existentes e à criação de várias revistas em diferentes cidades dos Estados Unidos. A partir de 1982 – e após alguns anos de adaptação em seu país-anfitrião –, vários escritores exilados no início daquela década sentiram a necessidade de fundar novos projetos editoriais coletivos, em busca de espaços próprios para difusão de ideias, de posicionamentos políticos, de suas obras literárias e da cultura cubana.

Mariel – *Revista de Literatura y Arte* foi fundada em 1983, em Miami, e circulou até 1985 nos Estados Unidos, América Latina e Europa. Seu Conselho de Direção era composto pelos escritores Reinaldo Arenas, Reinaldo García Ramos, e pelo artista plástico e escritor Juan Abreu. Já o Conselho Editorial, além dos escritores supracitados, era formado também pelos cubanos Carlos Victoria, Roberto Valero, René Cifuentes e Luis de La Paz. As atividades administrativas ficavam a cargo da escritora Marcia Morgado⁷, e a reconhecida antropóloga cubana Lydia Cabrera⁸, exilada em Miami ainda nos primeiros anos da

⁷ De acordo com Abreu (1998), a presença de Marcia Morgado, a única escritora educada e crescida nos Estados Unidos, foi essencial para o êxito da revista. “Sin ella Mariel nunca hubiese sido lo que fue” (p. 16).

⁸ “Lydia Cabrera fue una especie de hada madrina de la revista.” (Abreu, 1998: 17).

Revolução Cubana, atuou como assessora da publicação, somando significativo capital cultural à revista.

Como revista de cultura, um dos principais objetivos de *Mariel* foi divulgar a literatura e a arte cubanas, principalmente a produzida por marielitos, colocando-se como elo identitário entre os intelectuais dessa geração, e conformando um ambiente de sociabilidade intelectual que congregou também dissidentes que deixaram a ilha nas décadas de 1960 e 1970, especialmente escritores relevantes da Primeira República cubana, como Lydia Cabrera, Carlos Montenegro, Enrique Labrador Ruiz e Gastón Baquero, e participantes do projeto editorial *El Puente*⁹, como Isel Rivero e Ana María Simo. Professores universitários de instituições estadunidenses, principalmente dos departamentos de língua espanhola e literatura ibero-americana, como Enrico Mario Santí e Carlos Rippoll, também compuseram a rede intelectual conformada ao redor de *Mariel*, assim como artistas plásticos e curadores de arte.

O conceito de “editorialismo programático” de Fernanda Beigel (2003) nos auxiliou a identificar, na publicação, as intenções e os objetivos dos intelectuais envolvidos em sua produção. Beigel aponta que o editorialismo programático das revistas culturais do século XX produzia um espaço de articulação entre política e literatura, promovendo um editorialismo militante: “las publicaciones y los vínculos intelectuales que promovía este tipo de editorialismo militante actuaban muchas veces como terreno exploratorio y en otras oportunidades, como actividad preparatoria de una acción política concertada” (p. 108). Nessas publicações, projetos políticos-culturais e estéticos foram difundidos e debatidos, em uma estreita relação entre difusão cultural e objetivos políticos. Dessa maneira, as publicações periódicas, como textos coletivos, nos conectam não só com as principais discussões do meio intelectual de uma época, mas também com os modos de legitimação de novas práticas políticas e culturais.

A partir da análise dos textos programáticos da revista, identificamos três eixos principais no editorialismo programático da publicação: ressignificação do exílio massivo de *Mariel* e divulgação das produções dos artistas marielitos e cubanos exilados; anticomunismo e conformação de oposição ao regime revolucionário cubano através da denúncia das violações aos direitos humanos, das práticas homofóbicas e da política cultural restritiva, bem como por meio do debate sobre a função do intelectual; e a disputa pela construção do cânone literário cubano e, simultaneamente, da própria identidade nacional.

A publicação era claramente oposicionista ao regime revolucionário cubano, e declarava-se anticomunista, antitotalitária, defensora da democracia e das liberdades individuais, possuindo pujante caráter de denúncia. A revista constituiu-se fundamentalmente como espaço de crítica ao governo revolucionário cubano, tendo a denúncia das perseguições vividas em Cuba, das violações aos direitos humanos e da falta de liberdades individuais na ilha como uma característica marcante de sua linha editorial. A revista possuía, ainda, a intenção de intervir na esfera pública e disputar o significado do exílio massivo de *Mariel*, o

⁹ *El Puente* surgiu por iniciativa do escritor José Mario, em 1961, ao buscar um espaço independente para publicações inéditas de jovens, em sua maioria, nascidos na década de 1940. Muitos dos autores da casa editorial eram negros, mulheres, homossexuais e/ou de origem social humilde, apontando para o caráter aberto e polêmico da editora, que buscava dar voz a setores tradicionalmente esquecidos da população cubana. *El Puente* funcionou de maneira independente das casas editoriais estatais controladas por funcionários do governo cubano até 1965, quando foi fechada por decisão do regime revolucionário. Publicaram um total de 37 obras literárias: 25 livros de poesia, 8 de contos e 4 de teatro (Miskulin, 2011). Sobre as *Ediciones El Puente*, ver: Barquet, 2011 e Miskulin, 2009.

que constituía um dos pilares de seu editorialismo programático. A partir de suas experiências na ilha e na ponte marítima Mariel – Cayo Hueso, os marielistas colocavam-se como portavozes da “verdade” sobre o fenômeno. Entendiam que o significado político e social do exílio massivo havia sido deformado pelos interesses políticos e sociais do regime revolucionário cubano, bem como pela cobertura midiática estadunidense. A revista e a autodenominação geração de Mariel representavam uma forma de luta contra essas deformações do conteúdo do exílio de 1980, como aponta o marielista Jesús J. Barquet (como citado por Panichelli-Batalla, 2005: 1):

La revista *Mariel* tuvo también, como propósito particular, la intención de contrarrestar la versión castrista y de cierta prensa occidental sobre la naturaleza supuestamente “antissocial” y “criminal” del éxodo del Mariel. La revista se proponía (y logró) demostrar que ese exilio incluía literatos, artistas, músicos, pintores, teatristas, profesores, editores, críticos y profesionales de todo tipo que huían de Cuba, no por sus antecedentes criminales ni por perseguir ciegamente fáciles esquemas de bienestar económico, sino por la asfixia existencial del régimen. Se trataba de creadores que sólo buscaban realizar su obra en libertad y en un espacio que consideraban más propicio para la creación.

Segundo Rickley Leandro Marques (2012), um de seus principais objetivos foi a disputa pela memória de suas próprias juventudes em Cuba, confrontando suas memórias individuais com as versões oficiais do governo cubano e, assim, reivindicando sua versão do passado recente da ilha e construindo “memórias subterrâneas” em resistência à memória oficial. Nesse processo, rediscutiram suas próprias identidades, diferenciando-se dos revolucionários de 1959 e da comunidade anterior radicada em Miami. A memória foi o campo de batalha em que o grupo decidiu enfrentar o estigma e os traumas proporcionados pelas experiências vivenciadas na ilha e no exílio. Na luta para reorganizar a memória subterrânea e transformá-la em uma memória coletiva e para combater tanto a memória oficial cubana como a da comunidade cubana de Miami, a geração de Mariel também construiu uma nova identidade compartilhada pelo sentimento de experiências e expectativas comuns.

A revista representava para os escritores um meio no qual podiam se expressar com absoluta liberdade, em contraposição ao passado em Cuba, como afirma o marielista Roberto Madrigal (como citado por Panichelli-Batalla, 2005): “Todos habíamos sufrido el peso del poder de la cultura oficial, la que no admitía la existencia de ninguna otra que no fuera la que propagaban las instituciones y publicaciones culturales del castrismo, la cultura cómplice” (p. 1). Os escritores sentiam a necessidade de expressar o que o marielista René Cifuentes (como citado por Panichelli-Batalla, 2005) chamou de “una furia por desenmascarar aquel lugar donde todos habíamos sufrido tanto y por expresar la alegría de estar en otro lugar donde podíamos publicar lo que nos daba la gana” (p. 1), o que se fazia possível através dos projetos editoriais coletivos.

Mariel era impressa em formato tabloide, em papel jornal: o mais barato e o único que os editores conseguiam arcar com os custos, já que não tinham apoio institucional. Cada número possuía 32 páginas, alguns se estendendo a 40, e, mesmo se apresentando também como uma revista de arte e publicando obras de vários artistas plásticos cubanos exilados, era impressa em preto e branco. Grillo e Pita González (2005) apontam que uma revista impressa em papel de jornal, além de apontar para falta de recursos, comunica algo a respeito de como esta se concebe em termos de duração, dando-lhe um certo “carácter ancilar o de servicio” (p. 9).

Foram publicados 8 números da publicação, cuja periodicidade era trimestral, e cada exemplar era vendido por US\$2,50. A assinatura anual era de US\$10,00 para particulares e US\$15,00 para instituições. Assinantes de fora dos Estados Unidos, tanto indivíduos como instituições, pagavam US\$20,00 por ano. Havia, ainda, um sistema de “assinantes de honra”, que incluía indivíduos ou instituições que colaborassem com, no mínimo, US\$50,00 por ano. As duas maiores contribuições monetárias institucionais destinadas à revista foram realizadas pela *Cuban American National Foundation (CANF)*,¹⁰ em nome de Frank Calzón, seu então diretor, no valor de US\$100,00 cada - quantia bastante modesta para as dimensões da instituição, mas muito acima da média (US\$37,00) das contribuições normalmente recebidas pela publicação. Dentre as instituições que assinavam a revista, encontravam-se, majoritariamente, bibliotecas universitárias e municipais, as únicas exceções sendo a *Radio Martí*¹¹ e a *Ibero American Chamber of Commerce*¹².

No início de 1985, a revista possuía entre 400 e 600 assinantes, nos Estados Unidos e na Europa, em sua maioria acadêmicos e exilados cubanos. Além do sistema de assinaturas, sua distribuição era realizada em bibliotecas, livrarias, centros culturais, universidades, e através de *mailing lists*. A *mailing list*, que entendemos como o público leitor desejado pela revista, visto que a publicação era enviada diretamente pela administração da revista a esses indivíduos, sem custo para os destinatários, era composta por professores universitários de espanhol e literatura latino-americana de instituições estadunidenses e latino-americanas, incluindo o argentino Jorge Schwartz; editores; organizações de direitos humanos e de exilados e ex-presos políticos cubanos; instituições do governo norte-americano, como o Departamento de Estado e as Forças Armadas; arquidioceses; associação de advogados cubanos; organizações de militância política anticastrista e grupos de lobbying, como a *Cuban American National Foundation (CANF)* e a *Cuba Independiente y Democrática*¹³ (CID);

¹⁰ Um dos grupos mais efetivos de lobbying em Washington, pressionando o Congresso em assuntos cubanos. Foi fundado, em 1981, por exilados cubanos da burguesia de classe média alta, entre eles, Jorge Mas Canosa, reconhecido líder da comunidade cubana conservadora de Miami. Sua formação foi estimulada pela administração Reagan. Sua atuação foi fundamental para que o Congresso norte-americano aprovasse e mantivesse legislações que endureciam o embargo econômico e as relações exteriores com Cuba. Fortemente anticastrista, atualmente a CANF se autodenomina uma instituição sem fins lucrativos, a favor da democracia e dos direitos humanos. A instituição defende a transição para uma democracia pluripartidária e baseada numa economia de mercado (Morrone, 2008).

¹¹ Estação de rádio com base em Miami, fundada em 1983, e financiada pelo governo norte-americano. O projeto de lei foi aprovado no Congresso norte-americano com o apoio da administração Reagan, da Cuban American National Foundation e de seu fundador Jorge Mas Canosa, nomeado por Reagan como membro da Comissão de Transmissão para Cuba. A estação pretende transmitir a Cuba uma programação independente, contra o regime cubano, desenvolvendo, assim, pressões públicas contra o governo de Havana. Em 1990, adicionou-se a TV Martí ao projeto (Morrone, 2008).

¹² Estabelecida em 1976, buscava assistir a constituição e o desenvolvimento de empresas e negócios integrados pela América Latina e a Península Ibérica. Atualmente denominada The Greater Washington Hispanic Chamber of Commerce (<http://www.gwhcc.org/aboutus/about-gwhcc/>).

¹³ Organização fundada em 1980, na Venezuela, com o apoio de socialdemocratas e democrata-cristãos, e sediada em Miami. O cargo de secretário geral era ocupado, então, por Huber Matos, ex-comandante do Exército Rebelde condenado por traição em tribunal revolucionário após desavenças ideológicas, que cumpriu 20 anos de prisão em Cuba e tornou-se destacado líder da oposição anticastrista em Miami. CID luta até hoje pelo estabelecimento “de una sociedad consagrada a la libertad y la dignidad humana, totalmente democrática y soberana, socialmente equilibrada y justa” na ilha (<https://cubacid.com/nuestra-historia/>). Huber Matos mantinha relações de amizade com escritores de *Mariel*, como Roberto Valero. Sobre Huber Matos e os tribunais revolucionários, ver: Prado, 2018.

bibliotecas; periódicos; intelectuais cubanos exilados na Espanha; e intelectuais latino-americanos, como o mexicano Octavio Paz e o chileno Jorge Edwards.

Em 1984, a Internacional Democrata Cristã (CDI) financiou 250 assinaturas de um ano da revista para a Bélgica, Brasil, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, Espanha, Peru, Argentina, Venezuela, Uruguai e Chile.¹⁴ A maioria dessas assinaturas foram voltadas a periódicos, senadores e deputados espanhóis de localizações variadas no espectro político – do Partido Socialista Operário Espanhol à Alianza Popular. Alguns poucos deputados argentinos e brasileiros tiveram assinaturas da revista enviadas através da CID, dos partidos Justicialista e MDB, respectivamente.

Quanto aos aspectos de conteúdo da revista, esta era dividida em cinco seções principais: uma sem título, que reunia contos, poemas e trechos de romances de escritores marielitos; *Confluencias*, na qual republicou-se obras de escritores cubanos de gerações anteriores que os editores consideravam que haviam sido silenciadas ou deturpadas pelo regime da ilha, sendo eles José Lezama Lima, Virgílio Piñera, Enrique Labrador Ruiz, Carlos Montenegro, José Manuel Poveda, Gastón Baquero, José Martí e outros poetas majoritariamente dos movimentos romântico e modernista do século XIX; *Experiencias*, que reunia crônicas, memórias e materiais autobiográficos que revelassem “hechos notables de la vida diaria cubana o de cubanos en cualquier época, pero preferiblemente vivencias sufridas bajo la dominación de Fidel Castro o experiencias que esclarezcan la evolución de nuestra cultura”; *Urgencias*, que publicava “comentarios, críticas, ironías o cóleras que los acontecimientos más recientes y heterodoxos despierten en nuestros editores”, normalmente relacionados ao governo cubano e ao meio intelectual cubano e estadunidense; e *Libros*, constituída por resenhas e críticas de livros e exposições relacionadas à cultura cubana no exílio.

Em *Mariel*, além de se denunciar a homofobia presente na sociedade cubana e na comunidade de exilados cubanos, veiculou-se poesias, contos, resenhas e trechos de obras produzidas por escritores homossexuais ou que haviam abordado temáticas gay ou homoeróticas, como vários dos próprios marielistas, e também dos cubanos Virgílio Piñera, Severo Sarduy, José Lezama Lima, José Mario, Gastón Baquero, Isel Rivero, Lilliam Moro, Nelson Rodríguez, Juan Goytisolo, Ana María Simo, Calvert Casey, José Manuel Poveda, Carlos Montenegro, do argentino Néstor Perlongher e do mexicano José Rafael Calva. A publicação era comercializada por algumas livrarias dedicadas a autores homossexuais e ventilou-se, a convite das editoras Gay Books Bulletin e Gay Sunshine, a possibilidade de organizar uma antologia de escritores marielistas homossexuais. Contudo, de acordo com Reinaldo García Ramos, *Mariel* “não era uma revista exclusivamente gay” (R. García Ramos, comunicação pessoal, 6 de abril de 1984).

A “geração de Mariel” e o estabelecimento de redes de sociabilidade intelectual no exílio

Autores como Iván de la Nuez (1998) afirmam que a geração de Mariel, se compreendida como o conjunto de intelectuais que deixaram a ilha ao redor de 1980, abarcou não somente a literatura, mas as artes plásticas, a música, o teatro, o ensino universitário e o jornalismo, conformando um grupo bastante heterogêneo não só em suas formas de expressão artística, mas também ideologicamente. Aqueles intelectuais que se identificaram mais

¹⁴ Cuban Heritage Collection, University of Miami. CHC5170 Mariel (Revista Papers). Box 1. Folder 4. Mailing list.

fortemente como “marielistas” e construíram uma identidade para o grupo se congregaram, principalmente, ao redor das revistas *Mariel*, *Término* e *Unveiling Cuba*, comprometidas com a “luta antitotalitária”. Em sua maioria, eram jovens criados pela Revolução, refratários ao ideário do “homem novo”, criadores de obras consideradas “marginais” ou “contrarrevolucionárias” pela política cultural restritiva da década de 1970. Muitos dos que se identificavam como marielistas já se conheciam na ilha e frequentavam os mesmos locais, como a noite de La Rampa, A Cinemateca de La Habana e a praia de Guanabo. Salvo raras exceções, não haviam publicado nada na ilha e vários se identificavam como homossexuais.

O questionamento acerca dos elementos aglutinadores do grupo partiu, inclusive, de seus próprios membros. Jesús J. Barquet (1998), por exemplo, ressalta que em termos estritamente literários, a denominação geração de Mariel resulta problemática, visto que se refere a fatores extraliterários. Não há nenhuma orientação estética ou estilística que seja comum a todos os escritores, que, como grupo, são caracterizados pela heterogeneidade. Apesar de no terreno semântico os unirem uma abordagem crítica da realidade cubana sob o regime revolucionário, as formas literárias escolhidas por cada autor para expressar seu descontentamento foram marcadas pelo ecletismo, coincidindo também o tom de angústia e fúria, e as imagens de liberdade e opressão que são frequentes em seus textos.

Além do compromisso com a “luta antitotalitária”, a maior parte dos elementos de coesão do grupo encontram-se na esfera extraliterária, no que tange às experiências em comum vivenciadas por esses intelectuais: “la ‘generación del Mariel’ es la generación de exiliados cubanos que ha padecido veinte años de ditadura” (p. 2), defendia Reinaldo Arenas (1981). A experiência comum serviria, assim, de denominador comum à geração. Na perspectiva dos marielistas, haveria entre eles o denominador comum da experiência histórica da repressão oficial, a qual pretendiam denunciar e combater no exílio através da realização de suas obras. As restrições às liberdades individuais e de expressão durante o *quinquenio gris* marcaram a vivência dos escritores que se identificaram como marielistas, que haviam iniciado sua vida literária durante o período revolucionário. Reinaldo Arenas enviou seus manuscritos para serem publicados fora de Cuba, após seu conto *La Vieja Rosa* ser censurado pela UNEAC; seus manuscritos de *Otra vez el mar* foram apreendidos pela polícia política; e o escritor cumpriu tempo na cadeia entre 1974 e 1976, acusado de “escândalo público”, após ter seus pertences furtados na praia de Guanabo (Miskulin, 2009). Carlos Victoria foi detido pelo Departamento de Segurança do Estado em 1978, e seus manuscritos confiscados; no mesmo ano foi preso em Vila Marista, acusado de posse de literatura contrarrevolucionária (Ertzogue, 2013). René Cifuentes foi condenado a três anos de prisão em 1972, após tentar sair da ilha ilegalmente.¹⁵ Miguel Correa foi expulso da Universidade de Havana, segundo ele por “haber expresado su admiración por Aleksandr Solzhenitsyn”.¹⁶ Daniel Fernández foi condenado a quatro anos de prisão, em 1978, pela obra *La vida secreta de Truca Pérez*, e foi indultado em 1979.¹⁷ René Ariza foi condenado a oito anos de prisão em 1974 por tentar enviar manuscritos para fora da ilha, e foi indultado em 1979 (Rubin e Solórzano, 2001). Esteban Luis Cárdenas foi expulso da Univerdade de Havana em 1966 por “diversionismo ideológico” e, em 1978, condenado a quinze anos de prisão por tentar conseguir asilo na embaixada argentina de Havana. Foi indultado no ano seguinte (“Homenaje al poeta”, 2012).

¹⁵ *Mariel*, N° 1, 1983: 31.

¹⁶ *Mariel*, N° 2, 1983: 11.

¹⁷ *Mariel*, N° 7, 1984: 9.

Nesse sentido, concordamos com Karl Manheim (como citado por Silva, 2003: 22) quando afirma que pertencem à mesma geração todos aqueles que viveram as mesmas experiências coletivas e sofreram os seus efeitos, adquirindo uma visão de mundo similar. Jean-François Sirinelli (1996) afirma, ainda, que é necessário levar em consideração os efeitos de idade e os fenômenos de geração, devido aos processos de transmissão cultural e ao seu papel explicativo em tomadas de posição. Segundo Jesús J. Barquet (1998), a geração de Mariel é resultado dos mesmos mecanismos que geraram uma “geração do silêncio” na década de 1960 em Cuba. Manuel Ballagas localiza a origem da “geração do silêncio” na repressão engendrada pela burocracia cultural e pela segurança do Estado contra os intelectuais a partir de 1965. Essa repressão, por razões ideológicas, estéticas e sexuais, afetou, fundamentalmente, aos escritores da primeira geração pós-revolucionária, também conhecida como geração *El Puente*, a qual pertenceram Reinaldo García Ramos - um dos diretores de *Mariel* -, Isel Rivero e Ana María Simo, que colaboraram nas páginas da revista. Essa repressão afetou também os jovens autores da década seguinte. Barquet defende, então, que o conceito de “geração do silêncio” pode ser ampliado para incluir a todos esses jovens escritores que, posteriormente, realizaram obras à margem da política cultural da Revolução, abandonaram a ilha e começaram a tecer críticas a partir do exílio.

De maneira similar, Rickley Leandro Marques (2012) defende que a “geração de Mariel” existia anteriormente ao próprio fenômeno migratório de Mariel, na forma de resistência, ainda que sem esta denominação e com objetivos diferenciados, ou pelo menos não delimitados. Contudo, a resistência de seus futuros integrantes a adaptar-se ao modelo proposto pelos revolucionários cubanos, e a facilidade com que se reuniram nos Estados Unidos da América, mostram a existência de oposição interna à Revolução dentro da intelectualidade cubana, principalmente junto àqueles que foram afastados da UNEAC por razões políticas ou morais (especialmente por homossexualidade). De acordo com Lilian Bertot (2000), como grupo, representavam uma rachadura na Revolução Cubana, muito antes do colapso do bloco soviético, visto que seu distanciamento do que se esperava do “homem novo” idealizado pela Revolução esteve marcado pelos sentimentos de frustração, fúria, desolação e rechaço radical da realidade cubana.

Os questionamentos acerca do significado e da validade da utilização do termo “geração” para designá-los foram veiculados pela própria *Mariel*. O escritor marielista Jesús J. Barquet, em carta enviada à revista em 1984, admitiu que a autodenominação podia ser precipitada, mas que possuía uma relevante função de coesão, oposição política e combate a uma falsa imagem, mais que teórica:

Tempranamente asimismo hemos ido reconociéndonos los del Mariel como un grupo homogéneo, marcado por similares experiencias, guiado por comunes derroteros. Una vez en el destierro detectamos nuestra esencia “distinta en el Cosmos”. Pero nuestra distintividad no es en modo alguno excluyente. [...] Es probable sí que un poco precipitadamente hayamos corrido a autodefinirnos, a recortar esa imagen virtual que tenemos de nosotros mismos pero ha sido para ganar en coherencia, en perspectiva coral, en destino literario, en resistencia contra el tiempo y el enemigo común, quien prefiere vernos dispersos, separados, inclasificables y por tanto desnaturalizados para más facilmente derrotarnos. Porque nuestra autodenominación no fue nunca un proyecto teórico-especulativo sino una forma concreta de combatir una falsa imagen. La generación del Mariel aunque aun en ciernes su “peculiar perfil”, muestra ya orgullosa su “unidad” y sus ‘irradiaciones históricas’.¹⁸

¹⁸ Barquet, Jesús J. Sección Cartas, *Mariel*, N° 4 : 25.

Entendemos o objetivo de combater uma falsa imagem como o intuito de ressignificar o exílio massivo de Mariel, tanto em relação aos discursos oficiais do governo revolucionário cubano, como em relação à cobertura midiática norte-americana. Marques (2012) afirma que a geração de Mariel ganha, nesse sentido, caráter de luta social, considerando que “trata-se do processo prático no qual experiências individuais de desrespeito são interpretadas como experiências cruciais típicas de um grupo inteiro, de forma que elas podem influir, como motivos diretores da ação, na exigência coletiva por relações ampliadas de reconhecimento” (Honneth, 2003 como citado em Marques, 2012: 223).

Mariel, como grupo, geração e projeto editorial, não foi aceita pela política cultural cubana, e foi pouco aceita por parte da esquerda estadunidense. Há fenômenos que ajudam a explicar a espécie de não-lugar dos membros do grupo no exílio, entre a esquerda e a direita. Quando ocorreu o exílio massivo, havia uma política de aproximação entre o governo cubano e a parcela progressista da comunidade do exílio, designada pejorativamente de “dialogueros”. O fenômeno migratório de Mariel e os testemunhos dos escritores que deixaram a ilha em 1980 contradiziam e desvirtuavam os esforços do diálogo (García, 1996):

De pronto, esos 125.000 prófugos no encajan en la distensión de las relaciones gobierno cubano-exilio ni en el discurso de mejoramiento de la imagen pública del régimen cubano que los representantes del diálogo intentaban por esas fechas. Como quiera que se mirara, los marielitos desvirtuaban los postulados del diálogo: si Cuba tenía los éxitos en educación, justicia social e integración ciudadana que le reconocía esta fracción del exilio al proyecto de la Revolución, entonces, ¿cómo es posible que produjera esa enorme cantidad de escoria social, dispuesta a todo por salir del paraíso comunista? O al contrario, si todo lo que viajó en el éxodo no fue la lacra social, sino que allí iban intelectuales, profesionales, trabajadores, estudiantes, ¿cómo explicar que tanta gente “normal” desertara del citado paraíso? La llegada del grupo y las posteriores declaraciones de sus integrantes, sobre todo de Arenas, trajo como consecuencia una agria polémica entre los sectores de izquierda en el exilio y los miembros más radicales de Mariel (Nuez, 1998: 106).

O fenômeno Mariel representou também um contraste em relação à comunidade “tradicional” de exilados de Miami, especialmente em relação à sua parcela branca, conservadora, católica e proveniente das classes média e média-alta cubanas. O contingente de sujeitos chegados pela ponte marítima Mariel-Cayo Hueso colocava essa comunidade diante da realidade de uma Cuba popular e heterogênea.

Apesar do desacordo material, de classe e de valores que os marielitos enfrentaram no processo de integração na comunidade de exilados de Miami, entendemos que vários escritores e artistas dessa onda migratória estabeleceram contatos frutíferos com o exílio estabelecido anteriormente nos Estados Unidos, inclusive com sua parcela economicamente próspera e próxima aos círculos de poder do Partido Republicano e da administração Reagan. *Mariel*, em grande parte mantida com os recursos investidos por seus editores, doações de outros intelectuais cubanos, assinaturas e publicação de anúncios, recebeu doações do grupo de lobbying *Cuban American National Foundation (CANF)* em duas ocasiões, no valor de 100 dólares cada, transformando a instituição em assinante de honra da revista. Representantes da Internacional Democrata Cristã (CDI) tomaram conhecimento da publicação através da classe média de Miami e financiaram 250 assinaturas de um ano da

revista para senadores, deputados e periódicos ao redor da América Latina e Europa, entre 1984 e 1985, somando 5000 dólares à conta da revista.¹⁹

A *Cintas Foundation* (cintasfoundation.org, recuperado em 2 de abril, 2020), fundada em Miami pelo magnata Oscar Benjamin Cintas y Rodriguez em 1957, e comprometida com o apoio à produção artística cubana no exílio, concedeu bolsas voltadas ao fomento da literatura e da arte a vários marielitos, como Reinaldo Arenas (1981-1982, 1986-1987), Jesús J. Barquet (1991-1992), Miguel Correa (1984-1985), Belkis Cuza Malé (1981-1982), Carlos A. Díaz (1986-1987), Ismael Lorenzo (1985-1986), Roberto Valero (1982-1983), Carlos Victoria (1993-1994), Juan Abreu (1993-1994), Carlos Alfonzo (1983-1984), Eduardo Conde (1990-1991), Manuel Revuelta (1987-1988) e Gilberto Ruiz (1982-1983).

Escritores e artistas marielistas participaram, ainda, do *Comite de Intelectuales por la Libertad de Cuba* (CILC), constituído no final da década de 1970 por escritores cubanos exilados, com base em Nova York, que patrocinava congressos dissidentes para a discussão de questões políticas e econômicas da ilha, e para protestar contra violações de direitos humanos em Cuba. Seu objetivo era a democratização do regime cubano e, a longo prazo, a deposição de Fidel Castro. O primeiro congresso ocorreu em Paris, em 1979, e outros ocorreram em Nova York (1980) – ocasião na qual se realizou um jantar em homenagem a Reinaldo Arenas –, Washington (1982), Madri (1986) e Caracas (1987). No terceiro congresso do *Comite*, em Washington, participaram da programação do evento os escritores Reinaldo Arenas e Guillermo Cabrera Infante, os senadores republicanos Jesse Helms²⁰ e John East, extremamente conservadores, bem como veteranos da invasão da Baía dos Porcos e representantes de abastadas famílias exiladas no início da década de 1960 (Arguelles e Rich, 1985).

Dessa forma, o deslocamento do grupo de escritores e artistas da autodenominada geração de Mariel no meio intelectual norte-americano é explicado também pelas formas extremas que muitas vezes seus discursos e articulações políticas assumiram. Muitos desses intelectuais eram fortemente anticomunistas e anticastristas, e seus discursos muitas vezes apresentavam características da retórica do exílio anterior que não integrava todas as suas pautas – como a homossexual -, e que os marielitos categorizavam como “burguesia” e “elite” (Nuez, 1998). No contexto da Guerra Fria nos Estados Unidos e da articulação entre grupos de lobbying anticastrista e a administração Reagan, algumas das redes de sociabilidade que integravam eram compostas também por setores reacionários da sociedade estadunidense, com os quais se comunicavam devido às ideias anticomunistas e anticastristas em comum.

¹⁹ Cuban Heritage Collection, University of Miami. CHC5170. Mariel (Revista) Papers. Correspondence received. Box 1.

²⁰ Um dos líderes do conservadorismo no Senado americano entre 1973 e 2003. Helms se posicionou contrariamente à Lei de Direitos Civis de 1964, e se opunha a ações afirmativas, ao movimento feminista e ao movimento gay. Em 1976, declarou ao *The New York Times* que “Nothing positive happened to Sodom and Gomorrah and nothing positive is likely to happen to America if our people succumb to the drumbeats of support for the homosexual lifestyle” (<https://www.nytimes.com/2008/07/05/us/politics/05helms.html>). Em 1995, foi um dos autores da lei Helms-Burton (Lei para a Liberdade e a Solidariedade Democrática Cubana), aprovada em 1996. A legislação endurecia o embargo econômico à ilha e a Lei de Torricelli, de 1992, e visava afugentar investidores estrangeiros da ilha. Seu elemento mais polêmico, entretanto, dizia respeito à imposição da democracia. A nova legislação reafirmava o direitos dos EUA definirem a natureza da democracia de Cuba. Cláusulas específicas declaravam que Fidel Castro não poderia participar de nenhum governo futuro, e que os norte-americanos e cubano-americanos cujas propriedades foram expropriadas deveriam ser indenizados (Gott, 2006).

Afinal de contas, o anticomunismo muitas vezes serviu de guarda-chuva para abrigar frentes integradas por grupos heterogêneos (Motta, 2018).

Ressaltamos que a denúncia da opressão política, do autoritarismo e de violações de direitos humanos esteve centrada, na imensa maioria das vezes, nos regimes cubano e soviético e nos espectros políticos à esquerda. Dificilmente se dedicavam à crítica da opressão em regimes de direita, como as ditaduras civis-militares que se encontravam no poder em vários países da América Latina na época, apoiadas por seu país-anfitrião. Os marielistas se incumbiam de difundir ideias anticomunistas e anticastristas, e priorizavam os conflitos Leste-Oeste, em detrimento dos Norte-Sul, em sua compreensão da vida política e social. A organização dessa geração nos Estados Unidos ocorreu devido às relações que seus integrantes mantinham ainda em Cuba e às experiências e expectativas frustradas na ilha e no exílio.

Logo, a criação de *Mariel – Revista de Literatura y Arte* se deu a partir do desencontro dos marielistas não só com os discursos oficiais da Revolução, mas também com a parcela progressista do exílio cubano, como os membros de *Areíto*²¹ e da brigada Antonio Maceo²². Da mesma forma, parte da esquerda estadunidense discordava do endurecimento da política externa em relação à ilha praticada pela administração Reagan (e defendida por *Mariel*). Simultaneamente, havia desencontros à direita do espectro político. Ainda que recebesse financiamento da CANF e do chamado “exílio tradicional” – majoritariamente católico -, e seus interesses anticomunistas convergissem, *Mariel* não era conservadora nos costumes.

Já em termos de conteúdo de seu principal projeto coletivo, *Mariel*, marcada pela oposição ácida e radical ao regime revolucionário cubano e ao comunismo e pela defesa de liberdades individuais, liberdade de expressão, de imprensa, religiosa, justiça social e direitos dos homossexuais conseguia dialogar, a princípio, com conservadores e liberais. Lillian Bertot (2000), doutora em linguística e poeta que colaborou em *Mariel*, defende em obra publicada pela J.M.C. Freedom Foundation, em 1995, que “el socialismo es contrario al progreso de la civilización humana. Los textos de Mariel demostraron que F.A. Hayek tenía razón” (p. 106). Ainda que a revista não se posicione em relação à política econômica seguida por Reagan, considerando as redes de sociabilidade que integrou, entendemos que, com exceção do movimento gay e apesar de criticarem o *american way of life*, no exílio os marielistas estabeleceram conexões com segmentos e linhas de pensamento bem posicionadas nos círculos de poder econômico e político estadunidenses da época, demonstrando as dinâmicas entre o exílio cubano e seu país-anfitrião.

²¹ Revista publicada por exilados cubanos, em sua maioria estudantes de pós-graduação e professores universitários, em New Jersey, entre 1974 e 1992, *Areíto* procurava compreender a Revolução Cubana para além dos discursos da comunidade “tradicional” de exilados cubanos nos Estados Unidos. Simpáticos a ideias de esquerda, os colaboradores defenderam a Revolução Cubana, criticaram o exílio cubano conservador e tentaram forjar uma identidade cubana dentro dos Estados Unidos (Prates, 2015).

²² Fundada em 1977, a Brigada Antonio Maceo patrocinava viagens a Cuba para jovens cubano-americanos e exilados que haviam deixado a ilha ainda quando crianças. Nessas viagens, visitavam familiares e amigos, percorriam a ilha e avaliavam o sucesso da Revolução com seus próprios olhos. Esperava-se que a Brigada contribuísse para a defesa da Revolução. Os estudantes e jovens profissionais auxiliavam em projetos de construção em Cuba e muitos se engajaram em críticas às políticas externas agressivas dos Estados Unidos em relação à ilha. O primeiro grupo da Brigada foi constituído, majoritariamente, por membros de *Areíto* (García, 1996).

Nesse sentido, entendemos que o apoio financeiro recebido pela revista pela *Cuban American National Foundation (CANF)* é relevante para compreendermos a realpolitik da publicação e da própria fundação. A fim de valer-se do clima conservador que imperava nos Estados Unidos no início daquela década, em 1981, um grupo de empresários de classe alta de Miami fundou a *CANF*, uma organização sem fins lucrativos, cujo principal objetivo era ajudar a administração Reagan a formular uma política externa mais agressiva em relação à Cuba. A organização, que ajudou a financiar a revista *Mariel* com uma quantia modesta, concentrava-se, principalmente, em influenciar a opinião pública, os governos e os congressistas norte-americanos através de seu comitê de ação política, o Free Cuba PAC. Modelado de acordo com os grupos de lobbying judaicos que influenciaram a política norte-americana em relação a Israel, a Free Cuba PAC recompensava senadores e congressistas que apoiavam políticas mais duras em relação à ilha com doações significativas para suas campanhas de reeleição (García, 1996).

Mariel representava uma nova perspectiva de costumes frente à parcela conservadora e católica da comunidade cubana de Miami. Segundo Susana Peña (2005), o fluxo de marielitos forjou uma nova visibilidade gay em Miami, fortemente concentrada em Miami Beach e partes de Southwest Miami, e transformou a paisagem de sexualidade e de gênero da região. Além disso, a publicação tecia críticas ao *american way of life*, principalmente nas obras literárias veiculadas em suas páginas. Entretanto, encontrava-se de acordo quanto à política externa da administração Reagan em relação à Cuba, a qual mantinha o *status quo* da mesma classe média que criticava. A publicação rechaçava a administração Carter, que considerava pouco combativa frente ao governo de Fidel Castro. De acordo com Néstor Suárez Feliú, os objetivos da *CANF* no início da década de 1980 eram:

1. Obter para o exílio, como representante do povo cubano, a voz, o respeito e a influência necessários ante a opinião pública deste país, o Congresso e a Casa Branca, que permita impedir que em Washington se tomem decisões nocivas aos verdadeiros interesses do povo cubano, como foi a traição da Baía dos Porcos ou o levantamento parcial do embargo durante a administração Carter;
2. Propor o isolamento internacional, político e econômico do regime castrista, impedindo que este obtenha os recursos exteriores necessários para continuar alimentando seu aparato repressivo e consolidar assim seu controle sobre o povo e a economia cubana;
3. Auspiciar o desenvolvimento da oposição interna mediante a propagação mundial de suas denúncias sobre as violações de direitos humanos e os crimes que diariamente se comete no regime castrista e incrementar os vínculos entre os opositores do regime, dentro e fora da ilha, tornando possível o desenvolvimento de uma estratégia de luta cujo objetivo fundamental seria a erradicação total do sistema castro-comunista (Feliú, 2007 como citado em Morrone, 2008: 71).

Esses intuitos estavam em consonância com os propósitos da publicação, que dialogava e utilizava do financiamento da comunidade anterior de exilados de Miami ao mesmo tempo que a criticava em suas obras literárias. De modo similar, o apoio à publicação estava de acordo com os propósitos da Fundação de desenvolver a oposição interna e dar visibilidade às denúncias sobre as violações de direitos humanos praticadas pelo regime revolucionário cubano a fim de influenciar a opinião pública. Logo, o anticomunismo e o anticastrismo foram os fatores decisivos na conformação de uma oposição pragmática e heterogênea no exílio, com o apoio da administração Reagan.

Conclusão

Neste estudo, buscou-se compreender o exílio cubano, a trajetória da revista *Mariel* e seu editorialismo programático. Focamos nos debates acerca do exílio massivo de 1980, nas redes de sociabilidade intelectual estabelecidas pelos artistas marielistas e na pertinência da autodenominação “geração de Mariel”.

O exílio massivo de 1980 desafiou as retóricas revolucionárias, apontou novas direções para os acordos migratórios entre Cuba e os Estados Unidos e possibilitou a emergência de novos atores na esfera pública. Apesar de terem padecido os “males do exílio”, como fragmentação da identidade e melancolia, os marielistas participaram ativamente do debate público de sua época e estabeleceram contatos frutíferos no meio intelectual e político, evidenciando as dinâmicas entre o exílio cubano, os Estados Unidos e Cuba.

Tratou-se de uma publicação anticomunista e liberal pragmática, que congregou intelectuais cubanos de diferentes gerações, bem como dialogou com atores de diferentes espectros políticos dos Estados Unidos, da América Latina e da Europa – desde parcela do movimento gay e grupos de lobbying cubanos até organizações de direitos humanos e setores neoconservadores norte-americanos. Pudemos perceber o caráter heterogêneo dos grupos que se reúnem sob a bandeira anticomunista e a multiplicidade de ideias e interesses abarcadas por essa diretriz.

Compreendemos que os discursos desses escritores exilados interpenetravam a narração da identidade pessoal e da identidade nacional, do individual e do coletivo (Arfuch, 2010), em um esforço de reconstrução não só dos acontecimentos, mas também das identidades pessoais e do *ethos* cubano, após a perda do universo de referências familiares, dos personagens que representavam, e da exclusão política e dos discursos de nação.

A liberdade de expressão proporcionada pelo exílio nos Estados Unidos possibilitou que a revista *Mariel* se constituísse, essencialmente, como espaço de crítica e oposição ao regime revolucionário cubano e aos intelectuais que o apoiavam, dentro ou fora da ilha, por vezes se radicalizando e tendendo a uma “patrulha ideológica” do meio intelectual latino-americano e estadunidense. Além disso, possuíam um projeto de luta pelas memórias de suas próprias juventudes – e, portanto, pela memória da Revolução -, e de disputa pelo significado do exílio massivo de 1980, e a revista serviu como meio de consecução.

Além de possuir os objetivos de intervir na esfera pública e de conformar uma oposição política, *Mariel* funcionou como instrumento de inserção e disputa dos escritores marielistas no meio intelectual da comunidade exilada. Como atores sociais envolvidos nas empresas editoriais, eles buscavam expressar suas inquietudes através desse meio de comunicação e, simultaneamente, encontrar um espaço que legitimasse a posição que desejavam alcançar na sociedade estadunidense e dentro da própria comunidade de exilados cubanos (Pita González, 2008).

Apesar de apresentar um posicionamento combativo em relação ao regime revolucionário cubano e defender um processo de democratização na ilha e os direitos da comunidade homossexual, não havia a definição de um projeto político claro para o futuro de Cuba.²³ A publicação declarava-se contra qualquer tipo de preconceito e de opressão, que os

²³ Posteriormente, em 1988, Reinaldo Arenas e Jorge Camacho escreveram uma carta aberta dirigida a Fidel Castro, solicitando a realização de um plebiscito na ilha para determinar a continuidade ou não do regime

editores haviam sofrido “em carne própria”. Rechaçava o crime, a mentira e o dogma em qualquer terreno: político ou religioso, estético ou histórico, moral ou econômico.²⁴ Pretendiam construir uma sociedade cubana “sem obscurantismo, miséria, tristeza, onde fosse possível viver livremente”. A revista dialogou com atores sociais de localizações diversas do espectro político norte-americano e latino-americano. Entendemos que se aproximou do pensamento liberal, com militância fortemente anticomunista, aliando-se a setores neoconservadores da política norte-americana e a parcela do movimento por direitos dos homossexuais.

Dessa forma, entendemos que o ator social se encontra relacionado dentro de um complexo sistema de interações, de modo que para compreender a opinião de um indivíduo é indispensável entender seu contexto relacional. Através da conformação de redes, grupos de intelectuais, como os marielistas, promoveram a realização de atividades de difusão de seus trabalhos, criação de revistas e instituições, e defesa de seus interesses e posicionamentos. Assim, esses contatos profissionais representavam uma busca política e ideológica para legitimarem seus pontos de vista frente a quem detinha o poder efetivo, sendo necessário que houvesse um paradigma compartilhado, como o anticastrismo, a partir do qual elaboraram-se estratégias de ação que puderam se consolidar e ser transmitidas em diversos meios (Pita González, 2008).

Essa forma de oposição política reflete uma tendência da comunidade de exilados cubanos que, a partir de fins da década de 1970, substituiu o uso de estratégias violentas pela participação nas instituições políticas estadunidenses a fim de propiciar mudanças no regime político cubano. A luta contra Castro e o comunismo tomou novos rumos dentro da comunidade de exilados na década de 1980, e a eleição de Ronald Reagan facilitou esse redirecionamento. A chegada do republicano à Casa Branca agradou aos mais conservadores e, pela primeira vez em muitos anos, um presidente cujas visões acerca do comunismo e de Cuba eram compatíveis com aquelas da maior parte da comunidade de exilados. As reaproximações diplomáticas e o diálogo proposto durante a administração Carter pareciam pouco prováveis, e os exilados começaram a pressionar por políticas mais punitivas direcionadas ao regime revolucionário cubano. Em 1980 e 1984, 90% da comunidade de cubanos de Miami votou em Reagan. Inclusive fora da Flórida - em comunidades nas quais as atitudes políticas dos cubanos eram mais influenciadas pelo contato com grupos mais liberais -, os exilados, majoritariamente, votaram no Partido Republicano (65% em Nova York, 68% em Chicago) (García, 1996).

O caráter fortemente anticomunista da publicação gerou uma deficiência ao olhar para o restante da América Latina e várias de suas ditaduras civis-militares de direita, embasadas nas Doutrinas de Segurança Nacional e na luta contra a “ameaça vermelha”. De maneira geral, no contexto da Guerra Fria, *Mariel* focou a luta contra o autoritarismo nos espectros políticos à esquerda e na Revolução Cubana, e poucas vezes mencionou o restante do continente. Dessa forma, as obras dos escritores marielistas representam uma reação concreta ao regime

revolucionário. No caso da vitória do “não”, exigia-se um processo de abertura democrática e a convocação de eleições. Reivindicava-se, ainda, o retorno dos exilados e da oposição a Cuba para participar da campanha política do plebiscito; a libertação de presos políticos; a suspensão de leis que impedissem a liberdade de expressão; e a legalização de comitês de direitos humanos em Cuba. A carta contou com assinatura de diversos intelectuais e foi publicada em vários periódicos europeus, latino-americanos e norte-americanos (Arenas e Camacho, 1990).

²⁴ Editorial. Más que un Episódio. *Mariel*, N° 5, 1984: 2.

revolucionário cubano, local para se discutir, acusar e processar o regime, articular, elaborar e manter a memória, convertendo o rechaço ao governo cubano em experiência artística (Ingenschay, 2010). A revista confrontou as memórias oficiais da Revolução Cubana, e seus esquecimentos, e deu visibilidade às perseguições aos dissidentes, às violações de direitos humanos e às prisões políticas, que eram ignoradas por muitos. O pujante caráter de denúncia da publicação visava conformar uma oposição política à Revolução a partir do exílio, por meio da intervenção na esfera pública e da deslegitimação das retóricas oficiais.

Referências bibliográficas

Aja Díaz, Antonio (2000): “La emigración cubana hacia Estados Unidos a la luz de su política inmigratoria”, *CEMI: Centro de Estudios de Migraciones Internacionales, La Habana, Cuba*. Acesso em: 25 de setembro de 2018. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cemi/laemig.pdf>

Arenas, Reinaldo (1981): “La generación del Mariel”, *Noticias de arte*, N° 11, p. 2.

Arenas, Reinaldo e Camacho, Jorge (1990): *Un plebiscito a Fidel Castro*, Editorial Betania, Madrid.

Arfuch, Leonor (2010): *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, EdUERJ, Rio de Janeiro.

Arguelles, Lourdes e Rich, Ruby B. (1985): “Homosexuality, Homophobia, and Revolution: Notes toward an Understanding of the Cuban Lesbian and Gay Male Experience, Part II”, *Signs* [online], N° 1, Vol. 11, pp. 120-136. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3174290>

Barquet, Jesús J. (2011): *Ediciones El Puente en La Habana de los años 60*, Ediciones del Azar, Chihuahua.

Barquet, Jesús J. (1998): “La generación del Mariel”, *Encuentro de la Cultura Cubana* [online], N° 8/9, pp. 110-125. Disponível em: [https://www.cubaencuentro.com/revista/revista-encuentro/archivo/8-9-primavera-verano-de-1998/\(filter\)/index](https://www.cubaencuentro.com/revista/revista-encuentro/archivo/8-9-primavera-verano-de-1998/(filter)/index)

Beigel, Fernanda (2003): “Las revistas culturales como documentos de la historia latinoamericana”, *Utopía y Praxis Latinoamericana* [online], N° 20, Vol. 8, pp. 105-116. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27902007>

Bertot, Lillian (2000): *La imaginación literaria de la generación del Mariel*, Fondo de Estudios Cubanos, J.M.C Freedom Foundation, Miami.

Cabrera, Isabel Ibarra e Marques, Rickley Leandro (2009): “Representações do Mariel nos textos e charges da revista Bohemia e Revolución y Cultura (1980)”, *Revista eletrônica da ANPHLAC* [online], N° 8, pp. 1-24. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/anphlac/article/view/1388/1259>

Cabrera Infante, Guillermo (1993): *Mea Cuba*, Editorial Vuelta, México.

Cafender, Gray e Hufker, Brian (1990): “From Freedom Flotilla to America's Burden: The Social Construction of the Mariel Immigrants”, *The Sociological Quarterly* [online], N° 2, Vol. 31, pp. 321-325. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4120663?seq=1>

Capó Jr., Julio (2010): “Queering Mariel: Mediating Cold War Foreign Policy and U.S. Citizenship among Cuba's Homosexual Exile Community, 1978–1994”, *Journal of American Ethnic History* [online], N° 4, Vol. 29, pp. 78-106. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.5406/jamerethnhist.29.4.0078?seq=1>

Ertzogue, Marina (2013): “O ressentimento insular em La estrella fugaz de Carlos Victoria”, *Caligrama* [online], N° 1, Vol. 18, pp. 31-47. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/3786/4627>

Franco, Stella Maris Scatena (2007): “Gertrudis Gómez de Avellaneda entre Cuba e Espanha: relatos de viagem e ambivalências em torno da questão da identidade nacional”, *Varia Historia* [online], N° 38, Vol. 23, pp. 315-323. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752007000200005

García, María Cristina (1996): *Havana-USA: Cuban exiles and Cuban Americans in South Florida (1959 – 1994)*, University of California Press, Berkeley.

Gomis, Redi e Hernández, Rafael (1986): “Retrato del Mariel: el ángulo socioeconómico”, *Cuadernos de Nuestra América*, N° 5, Vol. 3, pp. 124-151.

Gott, Richard (2006): *Cuba – Uma nova história*, Zahar, Rio de Janeiro.

Homenaje al poeta y narrador cubano Esteban Luis Cárdenas. Acesso em: 2 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.cubaencuentro.com/cartelera/agenda/homenaje-al-poeta-y-narrador-cubano-esteban-luis-cardenas-276214>

Ingenschay, Dieter (2010): “Exilio, insilio y diáspora. La literatura cubana en la época de las literaturas sin residencia fija”, *Ángulo Recto: Revista de estudios sobre la ciudad como espacio plural* [online], N° 1, Vol. 2, pp. 1-10. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/angulo/volumen/Volumen02-1/articulos02.htm>

Marina Brismat, Nivia (2011): “La política migratoria cubana: génesis, evolución y efectos en el proceso migratorio insular”, em Beatriz Bernal (org.), *Cuba hoy ¿perspectivas de cambio?* [online], IIJ-UNAM, México. Primeira edição: 29 de abril de 2011. Disponível em: <https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2960/9.pdf>

Marques, Rickley Leandro (2012): *A Condição Mariel: memórias subterrâneas da Revolução Cubana*, EDUFMA, Goiânia

Miskulin, Silvia (2011): “Las Ediciones El Puente y la nueva promoción de poetas cubanos”, em Jesús J. Barquet (ed.), *Ediciones El Puente en La Habana de los años 60*, Ediciones del Azar, Chihuahua, pp. 17-38.

Miskulin, Sílvia Cezar (2009): *Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961 – 1975)*, Alameda, São Paulo.

Miskulin, Sílvia (2009): “Outro olhar sobre a Revolução Cubana: a trajetória e obra de Reinaldo Arenas na revista Vuelta”, *Revista Brasileira do Caribe* [online], N° 19, Vol. 10, pp. 191-208. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1591/159113063008.pdf>

Morrone, Priscila (2008): *A Fundação Nacional Cubano-Americana (FNCA) na política externa dos Estados Unidos para Cuba*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais UNESP/UNICAMP/PUC-SP, São Paulo.

Motta, Rodrigo Patto Sá (2018): “Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista”. Acesso em: 21 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37518793/ANTICOMUNISMO_E_ANTIPETISMO_NA_ATUAL_ONDA_DIREITISTA?auto=download.

Motta, Rodrigo Patto Sá (2014): *As universidades e o regime militar*, Zahar, Rio de Janeiro.

Nuez, Iván de la. (1998): “Mariel en el extremo de la cultura”, *Encuentro de la Cultura Cubana* [online], N° 8/9, pp. 105-109. Disponível em: [https://www.cubaencuentro.com/revista/revista-encuentro/archivo/8-9-primavera-verano-de-1998/\(filter\)/index](https://www.cubaencuentro.com/revista/revista-encuentro/archivo/8-9-primavera-verano-de-1998/(filter)/index)

Panichelli-Batalla, Stephanie (2005): “La generación del silencio (II)”, *Cubaencuentro* [online]. Disponível em: <https://www.cubaencuentro.com/cuba/mariel/la-generacion-del-silencio-ii-5180>

Pedraza-Bailey, Silvia (1985): “Cuba's Exiles: Portrait of a Refugee Migration”, *The International Migration Review* [online], No. 1, Vol. 19, pp. 4-34. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2545654>

Peña, Susana (2005): “Visibility and Silence: Mariel and Cuban American Gay Male Experience and Representation”, em Lionel Cantii e Eithne Luibheid (eds.), *Queer Migrations: Sexuality, U.S. Citizenship, and Border Crossings*, University of Minnesota Press, Minneapolis, pp. 125-145.

Pita González, Alexandra (2008): “Las revistas culturales como fuente para el estudio de redes intelectuales”, em: Cecilia del Palácio Montiel e Martínez Mendoza Sareilly (coords.), *Voces en papel. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970*, Universidad Autónoma de Chiapas, México, pp. 77-85.

Pita González, Alexandra e Grillo, Maria del Carmen (2015): “Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales”, *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales* [online], N° 1, Vol. 5, pp. 1-31. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.6669/pr.6669.pdf

Prado, Giliard (2018): *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*, Appris, Curitiba.

Prates, Thiago Henrique Oliveira (2015): “O mundo não acaba no Malecón”: exílio, intelectuais e dissidência política nas revistas *Encuentro de la Cultura Cubana* e *Revista*

Hispano-Cubana (1996-2002). Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Rubín, Don e Solórzano, Carlos (2001): *The world Encyclopedia of contemporary theatre. The Americas*, Vol. 2, Routledge, Londres.

Santí, Enrico Mario (2002): “Nación inventada”, em Enrico Mario Santí, *Bienes del siglo: sobre cultura cubana*, Fondo de Cultura Económica, México.

Silva, Helenice Rodrigues da (2003): “A História Intelectual em questão”, em Marcos Antônio Lopes (org.), *Grandes nomes da história intelectual*, Editora Contexto, São Paulo, pp. 15-25.

Sirinelli, Jean-François (1996): “Os intelectuais”, em René Rémond (org.), *Por uma história política*, UFRJ, Rio de Janeiro, pp. 231-269.

Villaça, Mariana Martins (2010): *Cinema cubano: revolução e política cultural*, Alameda, São Paulo.

Fontes

Abreu, Juan (1998): *A la sombra del Mar: jornadas cubanas con Reinaldo Arenas*, Editorial Casiopea.

Castro, Fidel (1980): Discurso pronunciado en el Acto Conmemorativo del Primero de Mayo, efectuado en la Plaza de la Revolución “Jose Martí”, el 1ro de Mayo de 1980. Acesso em: 3 de abril de 2020. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1980/esp/f010580e.html>

Castro, Fidel (1961): Palabras a los intelectuales. Acesso em: 2 de abril de 2020. Disponível em <http://cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f300661e.html>

Mariel – Revista de Literatura y Arte, Números 1 (1983) ao 8 (1984).

Mariel. Edición especial de aniversario, 2003.

Mariel (Revista Papers). Box 1 e 2. Cuban Heritage Collection, University of Miami.